

10 ECONOMIA

CORREIO BRAZILIENSE

BRÁSILIA, QUINTA-FEIRA, 30 DE OUTUBRO DE 2003
 Editor Marcelo Onaga // marcelo.onaga@correioweb.com.br
 Subeditores: Maísa Moura e Sandro Silveira
 Tel. 342-1148
 e-mail: negocios@correioweb.com.br

TEMADO DIA // DESENVOLVIMENTO

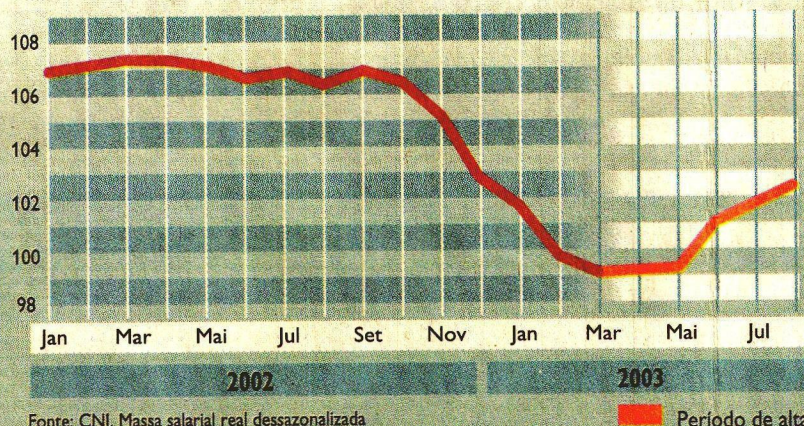
Economia - Brasil

BOLSAS	BOVESPA	C-BOND	DÓLAR	EURO	OURO	CDB	INFLAÇÃO
Na quarta (em %)	Índice da Bolsa de Valores de São Paulo nos últimos dias (em pontos)	Título da dívida externa brasileira, na quarta (em US\$)	Comercial, venda, quarta-feira (em R\$)	Turismo, venda (em R\$)	Onça troy na Comex de Nova York (em US\$)	Prefeirão, 30 dias (em % ao ano)	ÍPCA do IBGE (em %)
-1,55 São Paulo	17.813 17.994	0,93 (▲ 0,07%)	2,845 (▼ 0,52%)	3,413 (▼ 0,20%)	386,20 (▲ 0,94%)	18,52	Maio/2003 0,61 Junho/2003 -0,15 Julho/2003 0,20 Agosto/2003 0,34 Setembro/2003 0,78

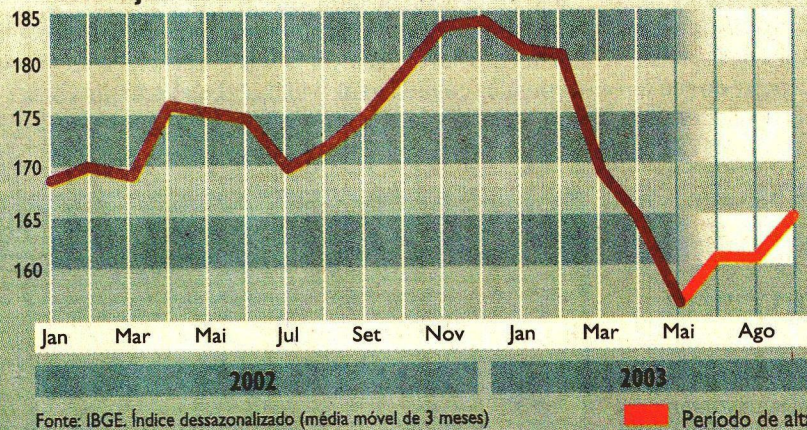
CENÁRIO MELHOR

Indústria inicia ciclo de aumento da produção

MASSA SALARIAL SOBE



PRODUÇÃO DE BENS DURÁVEIS AUMENTA



EM ALTA

- O nível de utilização da capacidade instalada das empresas alcançou **81,9%** em outubro, 1,5 ponto percentual acima do registrado em julho.
- A pesquisa mostra que **24%** das empresas pretendem contratar mais do que demitir mão-de-obra e apenas **10%** mostram intenção de reduzir o número de empregados. A diferença de 14 pontos entre os dois extremos é a maior, para a mesma época do ano, desde o quarto trimestre de 1989.
- Para **51%** dos empresários, a economia será melhor nos próximos seis meses. Apenas **12%** apostam o contrário. É o melhor resultado desde a sondagem de abril do ano passado.

- Para **24%** das 1.246 empresas consultadas pela FGV, a situação dos negócios é fraca para esta época do ano. Em julho, essa era a percepção entre **50%** das companhias.
- O nível atual da demanda global por produtos da indústria é considerado forte por **16%** das empresas. É a primeira vez, desde outubro de 2000, que esse índice é maior que a parcela (**15%**) das indústrias que consideram a demanda fraca.

- O total de empresas que apontam o nível da demanda interna como fraco despencou 33 pontos percentuais, de **49%**, em julho, para **16%**, em outubro.
- Em julho, a proporção de indústrias com estoques excessivos superava a de empresas com estoques insuficientes em **19 pontos** percentuais, o maior saldo desde 1992. Agora, essa diferença caiu para **10 pontos** percentuais.

Fonte: Fundação Getúlio Vargas (FGV)
 Arte: Joelson Miranda/Editoria de Arte

Retomada do crescimento

Sobe número de empresários que apostam no aumento da produção. Consumo melhora, recessão acaba e presidente do BC demonstra otimismo

VICENTE NUNES

DA EQUIPE DO CORREIO

A indústria brasileira retomou o fôlego e já está em franco processo de crescimento, depois de ter atingido o fundo do poço em junho. Foi o que informou ontem o professor Aloísio Campelo Jr., do Instituto Brasileiro de Economia da Fundação Getúlio Vargas (Ibre-FGV), ao divulgar a sondagem conjuntural da indústria de transformação (leia quadro acima). Os estoques das empresas estão caindo, a produção aumentando e há fortes indicadores de que, após as demissões recordes entre janeiro e setembro, o emprego industrial voltará a crescer nos próximos seis meses.

Outros setores comprovam a pesquisa da FGV. As vendas de produtos eletroeletrônicos subiram 20% em setembro em todo o país. No Rio, dois fatos: o total de consumidores que aumentaram os gastos passou de 58,21% em setembro para 60,48% neste mês; conforme a Federação das Indústrias do estado (Firjan), as vendas industriais aumentaram 2,9% de agosto para setembro. Na terça-feira, a federação paulista (Fiesp) divulgou crescimento de 6% no mesmo período.

"Analisando os números de

hoje e comparando-os aos da pesquisa da FGV de julho último, percebe-se clara mudança no humor dos empresários", disse Campelo Jr.. Ele ressaltou que a sondagem deste mês — com 1.246 empresas, cujo faturamento anual chega a R\$ 320 bilhões — mostra queda, de 50% para 24%, no total de indústrias que consideram fraco o momento atual para a produção. Outro dado relevante é o fato de, pela primeira vez em três anos, o número de companhias que qualificam a demanda por produtos industriais forte (16%) superar o de empresas que a consideram fraca (15%).

A FGV também constatou aumento no uso da capacidade instalada das indústrias, que passou, na média, de 80,4%, há três meses, para 81,9%, o maior patamar dos últimos seis trimestres. "Esse número, no entanto, ainda não indica limites para o crescimento no próximo ano. É possível a indústria suportar expansão econômica entre 3% e 4% no próximo um ano e meio. De qualquer forma, os investimentos no aumento da produção tornam-se cada vez mais urgentes", disse o professor, que ressaltou: "A produção da indústria só não aumentou mais até agora, porque as empresas se preocuparam em desovar os estoques encalhados, que estavam elevadíssimos".

José Paulo Lacerda/AE 02.06.00



ANTONIO ERMÍRIO: "CRESCIMENTO SEM MAIOR OFERTA DE POSTOS DE TRABALHO"

Em relação ao emprego na indústria, 24% das companhias consultadas pela FGV afirmaram que pretendem mais contratar do que demitir empregados neste quarto trimestre do ano e somente 10% mostraram disposição para fechar mais postos de trabalho do que contratar pessoal. A diferença entre as duas posições, de 14 pontos percentuais, é a melhor para os últimos três meses do ano desde 1989. O professor Campelo Jr fez, porém, uma ressalva: "Não há muito espaço para grandes contratações no setor industrial", afirmou.

Esse alerta foi endossado pelo empresário Antonio Ermírio de Moraes, presidente do Grupo Votorantim. Em entrevista à rádio CBN, ele destacou que o "crescimento da produção industrial não será acompanhado da maior oferta de postos de trabalho". Segundo Ermírio, a globalização da economia é perversa para o mundo em desenvolvimento, pois leva as empresas a aumentarem a atividade empregando menos, para manter a competitividade. "É preciso produzir e ao mesmo tempo enfrentar os preços do mercado internacional. Antes, tí-

nhamos 55 mil funcionários. Hoje, estamos com 33 mil. Se não fizéssemos os cortes, teríamos fechado", declarou.

O presidente do Banco Central, Henrique Meirelles, não entrou nessa discussão. Mas, em depoimento na Comissão Mista do Orçamento do Congresso, fez questão de enfatizar que o pior momento para a economia brasileira ficou para trás. A seu ver, debelados os riscos da inflação e a crise de confiança, que levaram o governo a dar um choque de juros no país, já se percebe sinais da retomada em diversos setores da economia.

Para Meirelles, ao Brasil tem hoje condições de crescer 3% ou mais no ano que vem e se expandir ainda mais nos anos seguintes. Ele ressaltou a melhora do risco-país — que recuou, em um ano, de 2.400 para 600 pontos —, a queda das taxas de juros e a estabilidade nos preços do dólar. Por isso, na avaliação do presidente do BC, há clima favorável à recuperação dos investimentos no setor produtivo. Outro ponto destacado por Meirelles foi a recuperação da massa salarial.

A recomposição, segundo ele, ocorreu inicialmente em maio, de forma tênue. Mas, desde julho, vem se dando de maneira mais vigorosa. E principal efeito dela, disse o presidente do BC, foi a re-

cuperação da atividade via consumo a partir do terceiro trimestre, evidenciada pelo aumento da produção de bens duráveis (veja gráficos acima).

Mais vendas

Segundo a Associação Nacional de Fabricantes de Produtos Eletroeletrônicos (Eletrô) as vendas, em setembro, dos produtos da linha branca, de portáteis e de imagem e som registraram crescimento de 20,31%, em relação ao mesmo mês de 2002, e de 20,39% frente a agosto deste ano. "Se as vendas se mantiverem nesse ritmo até dezembro, poderemos encerrar o ano com queda acumulada de 4% e iniciar 2004 com perspectivas de uma retomada do crescimento", disse o presidente da entidade, Paulo Saab. A retração nas vendas do setor chegou a 13,19% no primeiro semestre e, agora, está em 8,14%.

Apesar da queda dos juros e de todas as facilidades criadas pelo comércio para estimular o consumo, o vice-presidente da República, José Alencar, disse que está fora do mercado consumidor. "Ultimamente, sou um péssimo consumidor. Ganho tão pouco, que não estou consumindo nada". Dono de uma das maiores empresas têxteis do país, a Coteminas, Alencar recebe R\$ 8 mil brutos por mês na vice-presidência do governo.